

## Referências bibliográficas

- Alarcão, Isabel & Tavares, José (2003). *Supervisão da Prática Pedagógica. Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. 2ª ed. Coimbra: Livraria Almedina
- Alarcão, Madalena (2002). *(des)Equilíbrios familiares – uma visão sistémica*. 2ª ed. Coimbra: Quarteto
- Bell, Judith (2004). *Como Realizar um Projecto de Investigação. Um Guia para a Pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. 3ª ed. Lisboa: Gradiva
- Bogdan, Robert & Biklen, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. (M. J. Alvarez; S. B. Santos; T. M. Baptista, Trad.). Porto: Porto Editora. (Original publicado em 1991).
- Callejo, Javier (2001). *El grupo de Discussion: Introduccion a una Prática de Investigación*. Barcelona: Ariel
- Davies, Don e outros (1989). *As escolas e as famílias em Portugal: realidade e perspectivas*. Lisboa: Livros Horizonte
- Davies, Don; Marques, Ramiro; Silva, Pedro (1997). *Os Professores e as Famílias – a colaboração possível*. 2ª ed. Lisboa: Livros Horizonte
- Davies, Don (2003). A colaboração escola-família-comunidade: uma perspectiva americana. In Conceição Alves e Manuela Teixeira (org.) *Pais e Escola – parceria para o sucesso*. (pp.71-94). Porto: Edições ISET
- Diez, Juan (1989). *Família-Escola, uma relação vital*. Porto: Porto Editora
- Diogo, Ana Matias (2007). Dinâmicas familiares e investimento na escola à saída do ensino obrigatório. In Pedro Silva (org.) *Escolas, Famílias e Lares – um caleidoscópio de olhares* (pp.91-113). Porto: Profedições

- Diogo, Ana Matias (2008). *Investimento das Famílias na Escola. Dinâmicas Familiares e Contexto Escolar Local*. Oeiras: Celta Editora
- Diogo, José (1998). *Parceria escola-família: A caminho de uma educação participada*. Porto: Porto Editora
- Diogo, Ana; Serpa, Margarida; Caldeira, Suzana; Moniz, Ana & Lopes, Manuela (2002). *Escolas & Pais de mãos dadas: um projecto de intervenção educativa*. In Jorge Lima (Org.) *Pais e professores - um desafio à cooperação*. (pp 283-319). Porto: Edições Asa
- Fabra, Maria Lluïsa & Domènech, Miquel (2001). *Hablar y Escuchar*. Barcelona: Paidós
- Formosinho, J. (1992). *De Serviço de Estado a Comunidade Educativa: Uma Nova concepção para a Escola Portuguesa*. Textos de apoio – administração escolar, I módulo, caderno nº1, (pp.25-29). Porto: ISET
- Guerra, Miguel A. (2002). *Os Desafios da participação – Desenvolver a democracia na escola*. Porto: Porto Editora
- Henriques, Maria Eulália (2007). *Os trabalhos de casa na escola do 1ºciclo da Luz: estudo de caso*. In *Escolas, Famílias e Lares – um caleidoscópio de olhares*. (pp.211-230) Porto: Profedições
- Lima, Jorge (2002). *A cooperação entre pais e professores: contornos de uma questão controversa*. In Jorge Lima (Org.) *Pais e professores - um desafio à cooperação*. (pp.7-21) Porto: Edições Asa
- Lima, Licínio (1992). *A Escola como Organização e a Participação na Organização Escolar* (pp 58-78) - Braga: Instituto de Educação da Universidade do Minho
- Lima, Licínio; Sá, Virgínio (2002). *A participação dos pais na governação democrática das escolas*. In Jorge Lima (Org.) *Pais e professores - um desafio à cooperação*. (pp. 25- -95) Porto: Edições Asa
- Maschino, Maurice (2005). *Pais contra professores*. Lisboa: Campo das Letras

- Marques, Ramiro (1994). *A direcção de turma: Integração escolar e ligação ao meio*. Lisboa: Texto Editora.
- Marques, Ramiro (1997<sup>a</sup>). *A escola e os pais: Como colaborar?* Lisboa: Texto Editora
- Marques, Ramiro (1997 b). *Professores, Famílias e projecto educativo*. Porto: Edições Asa
- Marques, Ramiro (1997c). Envolvimento dos pais e sucesso educativo para todos: o que se passa em Portugal e nos Estados Unidos da América. In Don Davies, Ramiro Marques, Pedro Silva. *Os Professores e as Famílias. A colaboração possível*. 2<sup>a</sup> ed. (pp.23- 48) Lisboa: Livros Horizonte
- Marques, Ramiro (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Montadon, Cléopâtre; Perrenoud, Philippe (2001). *Entre Pais e Professores, Um Diálogo Impossível?* Oeiras: Celta Editores
- Musitu, Gonzalo (2003). A Bidireccionalidade das Relações Família/Escola In Conceição Alves e Manuela Teixeira (Org.) *Pais e Escola – parceria para o sucesso*. (pp. 141-173) Porto: Edições ISET
- Nóvoa, António (2005). *EVIDENTEMENTE, Histórias da Educação*. 2<sup>o</sup> ed. Porto: Asa Editores, SA
- Oliva, Alfredo; Palacios, Jesús (2005). Família y escuela: padres y profesores. In Rodrigo e Palácios (coords.) *Família y desarrollo humano*. 5<sup>a</sup> ed. (pp.333 - 349). Madrid: Alianza Editorial
- Oliveira, Lúcia (2001). O Papel do Gestor intermédia na Supervisão Escolar. In Isabel Alarcão (Org.) *Escola Reflexiva e Supervisão – Uma Escola em Desenvolvimento e Aprendizagem*. Colecção CIDInE. Porto: Porto Editora

- Ortega, Magdalena (2005). *El grupo de Discussion. Una Herramienta para la Investigación Cualitativa*. Barcelona: Paidós
- Palacios, Jesús; Rodrigo, Maria José (2005). La família como contexto y la familia em contexto. In Rodrigo e Palácios (coords.) *Familia y desarrollo humano*. 5ª ed. (pp.25-38). Madrid: Alianza Editorial
- Sampaio, Daniel (1996). *Voltei à Escola*. Lisboa: Editorial Caminho
- Sampaio, Daniel (2009). *Porque Sim*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Caminho
- Santos, Boaventura (1987). O Paradigma Emergente. In Maria Proença (org.) *Didáctica da História. Textos Complementares*. (pp. 11- 33). Lisboa: Universidade Aberta.
- Santos, Maria Cecília Pereira dos. “Reseña de el grupo de discussion: Introducción a una Práctica de Investigación” de Callejo Javier y Escuchar, Relatos de Profesores y Estudiantes de Fabra Maria Lluisa. *Rev. Port. de Educação*, 2003, vol. 16, no.1, p.255-260. ISSN: 0871-9187
- Santos, Maria Cecília Pereira dos O estudo do universo escolar através da voz dos jovens: o grupo de discussão. *Rev. Port. de Educação*, 2009, vol.22, no.1, p.89-103. ISSN 0871-9187.
- Silva, Pedro (1997). A Acção Educativa – um caso particular: o dos Pais Difíceis de Envolver no Processo Educativo Escolar dos seus Filhos. In Don Davies, Ramiro Marques, Pedro Silva. *Os Professores e as Famílias. A colaboração possível*. 2ª ed. (pp.61-76) Lisboa. Livros Horizonte
- Silva, Pedro (2002). Escola-família: Tensões e potencialidades de uma relação. In Jorge Lima (Org). *Pais e professores: Um desafio à cooperação*. (pp. 97-132). Porto: Edições Asa.
- Silva, Pedro (2003). *Escola-Família, uma Relação Armadilhada – Interculturalidade e Relações de Poder*. Porto: Edições Afrontamento

- Silva, Pedro (2007). Pais-professores: um retrato sociológico. In *Escolas, Famílias e Lares – um caleidoscópio de olhares*. (pp.251-270) Porto: Profedições
- Teixeira, Manuela (2003). A Participação dos pais na escola: perspectivas de pais e professores. In Conceição Alves e Manuela Teixeira (Org.) *Pais e Escola – parceria para o sucesso*. (pp.175-208) Porto: Edições ISET
- Tuckman, B. (2005). *Manual de Investigação em Educação: como conceber e realizar o processo de investigação em educação*. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Villas-Boas, Adelina (2001). *Escola e família: Uma relação produtiva de aprendizagem em sociedades multiculturais*. Lisboa: Escola Superior João de Deus.

### **Legislação citada**

- Decreto - Lei n.º 221/74 de 27 de Maio. Diário da República n.º 123/1974 – I Série. Ministério da Educação e Cultura. Lisboa
- Decreto - Lei n.º 735-A/74 de 21 de Dezembro. Diário da República n.º297/1974. 2º suplemento. I Série. Ministério da Educação e Cultura. Lisboa
- Decreto - Lei n.º 769-A/76 de 23 de Outubro. Diário da República n.º 249/1976. Suplemento. I Série. Ministério da Educação e Investigação Científica. Lisboa
- Lei 7 /77 de 1 de Fevereiro. Diário da República n.º 125/1977. I Série. Assembleia da República. Lisboa.
- Decreto - Lei n.º 125/82 de 22 de Abril. Diário da República n.º 93/1982. I Série. Ministério da Educação e das Universidades. Lisboa
- Decreto - Lei n.º315/84 de 28 de Setembro. Diário da República n.º226/1984. I Série. Presidência do Conselho de Ministros e Ministério da Educação. Lisboa

Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro. Diário da República n.º 237/1986. I Série.  
Assembleia da República. Lisboa

Decreto - Lei n.º 372/90 de 27 de Novembro. Diário da República n.º 274/1990. I  
Série. Ministério da Educação. Lisboa

Decreto-Lei n.º 172/91 de 10 de Maio. Diário da República n.º 107/1991. Série I - A.  
Ministério da Educação. Lisboa

Decreto - Lei n.º 115-A/98 de 4 de Maio. Diário da República n.º 102/1998.  
Suplemento. Série I – A. Ministério da Educação. Lisboa

Decreto - Lei n.º 80/99 de 16 de Março. Diário da República n.º 63/ 1999. Série I – A.  
Ministério da Educação. Lisboa

Lei 99/2003 de 27 de Agosto. Diário da República n.º 197/2003, Série I – A.  
Assembleia da República. Lisboa.

Lei 29/2006, de 4 de Julho. Diário da República n.º 127/2006. Série I. Assembleia da  
República. Lisboa

Lei n.º 75/2008, de 22 de Abril. Diário da República n.º 79/2008. 2ª Série. Ministério  
da Educação. Lisboa

Lei 91/2009 de 9 de Abril. Diário da República n.º 70/2009. Série I. Ministério do  
Trabalho e da Solidariedade Social. Lisboa

**Outros documentos:**

Relatório de Avaliação Externa da Escola (2008)

Projecto Educativo do Agrupamento (2005)

## Anexos

## Anexo 1

### Carta enviada ao presidente da Associação de Pais

Olival, 22 de Setembro de 2009

Exmo Senhor Presidente da APEPSO

Eu, Ana Maria Santos Oliveira, mestranda da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, neste momento com um projecto de investigação aprovado, sob orientação da Doutora Cláudia Maria Amaral Teixeira, docente da UPT, solicito apresentação do meu projecto na Assembleia da APEPSO no próximo dia de 2 de Outubro .

A investigação será feita no domínio das Ciências da Educação e visa caracterizar a relação que os pais têm com a escola.

Com os melhores cumprimentos,

A investigadora

---

(Ana Maria Santos Oliveira)



## Anexo 3

### Aspecto da cantina preparada para uma palestra



## Anexo 4

### Exposição de trabalhos de EE



## Anexo 5

### Aspecto do polivalente onde é servido o café



## Anexo 6

### Exemplo de convite destinado aos EE (desdobrável, frente e verso)

+

Nunca como hoje a sociedade deu tanta atenção à educação da sexualidade e dos afectos e, naturalmente, são muitas as dúvidas que os pais se colocam a si próprios. Como e quando abordar com os meus filhos as questões relacionadas com a sexualidade? Estaremos a educar bem os afectos dos nossos filhos? Como se manifesta a sexualidade ao longo do crescimento e, em particular, na adolescência? O que é importante saber e transmitir?

E actualmente aceite que a família e a escola têm um papel fundamental na educação desta vertente do desenvolvimento. Esta educação deve passar por informar e promover comportamentos adequados e responsáveis das crianças e adolescentes, enquanto seres afectivos, no decurso do seu crescimento normal e face a situações de risco.

No dia 29 de Janeiro, 6ª feira, pelas 21 Horas, junte-se a nós, para abordar um assunto que, como pai/mãe/educador, não pode evitar...  
Contamos consigo!

**Local:**  
Escola EB 2/3 de Olival

**Programa:**

- ♥ 21.00H - Momento musical por alunos da escola
- ♥ 21.15H - Entrega de prémios das Olimpíadas Portuguesas de Matemática
- ♥ 21.30H - Apresentação do tema e debate

(Por favor, corte pelo picotado e devolva à escola)

**FICHA DE INSCRIÇÃO**

Eu, Encarregado de Educação do aluno \_\_\_\_\_ do ano/turma \_\_\_\_\_  
Estou interessado  Não estou interessado  em participar na acção **Educação da sexualidade e dos afectos.**

Olival, \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_  
Assinatura do Encarregado de Educação \_\_\_\_\_

Acompanha, Apoia, Promove, Acolhe, Acompanha, Apoia, Promove, Acolhe, Acompanha, Apoia, Promove, Acolhe, Acompanha, Apoia

**ESCOLA EB 2,3 DE OLIVAL**

**Educação da sexualidade e dos afectos**  
Dra. Alexandra Santos



**Escola EB 2,3 de Olival**  
tel: 22 7637000  
Fax: 22 7637009  
Correio electrónico: info@ecs-olival.rcts.pt



## Anexo 7

### Cartazes com as actividades a desenvolver durante o ano lectivo

**Agrupamento Vertical de Olival  
EB 2,3 de Olival**

**Escola de Pais**

04/Abril - 21.00H  
**A importância do ambiente familiar na educação dos filhos**  
Orador: **Dr. Paulo Almeida** *Psicólogo Clínico*

09/Maio - 21.00H  
**Pais, Filhos e Sexualidade**  
Orador: **Dr. Pedro Gouveia** *Médico Cirurgião*

06/Junho - 21.00H  
**Hábitos alimentares saudáveis**  
Orador: **Dra. Susana Marta Cardoso** *Nutricionista*




Logos: OLIVAL, Escola de Pais EB 2,3 de Olival, APOPSO

**Agrupamento Vertical de Olival  
EB 2,3 de Olival**

**Escola de Pais 2009/2010**

Formação na Plataforma Moodle Dezembro  
Sexualidade e Afectos Janeiro  
Higiene e Saúde na Escola Março  
"O Abrigo" do Ensino Especial Abril  
Escola e Valores Humanos Maio



Logos: APOPSO, Escola de Pais EB 2,3 de Olival, OLIVAL

## Anexo 8

### Transcrição do Grupo de discussão

**Investigadora:** Eu queria agradecer a presença de todos os que estão a colaborar nesta investigação. Pedi a vossa ajuda, vocês acederam e começava por dizer o que pretendo com esta investigação. Estou a fazer um trabalho, como lhes disse na Assembleia, e esse trabalho consiste em saber qual é a relação que existe entre a escola e os pais. Mas eu queria este estudo na perspectiva dos pais. O que é que vocês pensam, de que forma é que se processa esta relação. O que é que impede uma boa relação na escola. O que é que a escola pode fazer, o que é que os pais podem fazer para melhorar essa relação. No final eu penso que vou ter alguns dados, que vão ser tratados, que depois terei todo o gosto em apresentar aos meus colaboradores, o resultado deste trabalho. Farei chegar à Associação de Pais uma cópia do meu trabalho para que vocês se revejam no que lá está.

Relativamente à apresentação, eu estava a dizer então, que não queria que dissessem os vossos nomes, daí que eu daria uma letra a cada um para depois identificar não as pessoas (até porque eu não sei os vossos nomes, ou de alguns não sei) como A, B ou C.

Se não se importam (foi dado a cada um dos elementos do grupo uma letra com instruções de apresentação, como nome ano de escolaridade do educando, outros filhos em idade escolar, habilitações e profissão). Gostaria que tivessem em conta esses dados na apresentação.

O meu trabalho aqui, como investigadora (eu não tenho opinião) a única coisa que vou fazer é lançar na mesa alguns temas e gostaria que vocês se pronunciassem sobre eles de uma forma livre, aberta, sem qualquer problema e gostaria de ouvir a vossa opinião sobre o que pensam acerca de alguns assuntos que têm a ver com o trabalho. Podemos então começar pela letra A, se não se importar, por se apresentar.

**A:** 40 anos, mãe, a minha filha frequenta o 5º ano. Tenho outra filha no 2º ano. Sou licenciada. Professora.

**B:** Tenho 43 anos, sou mãe, a minha filha frequenta o 8º ano. Tenho outra filha no 4º ano. Eu tenho o 12º ano e sou escriturária.

**C:** Tenho 42 anos, sou mãe, a minha filha frequenta o 6º H. Tenho mais uma filha que anda no 11º ano. Tenho o 12º ano mais um curso profissional e sou técnica de telecomunicações.

**D:** Tenho 43 anos, sou mãe. Os meus filhos frequentam o 5º ano. Tenho o 12º ano e sou técnica de contabilidade.

**E:** 42 anos, sou mãe. A minha filha frequenta o 7º ano, é a única filha que tenho. Tenho o 9º ano e estou neste momento a tentar acabar o 12º. Sou operária fabril.

**F:** Tenho 32 anos, sou pai. O meu filho frequenta o 6º ano. Tenho o 9º ano e sou servente de armazém.

**G:** 38 anos, sou pai. O meu filho frequenta o 8º ano. Tenho o 12º ano e sou escriturário.

**H:** Tenho 44 anos, sou pai. A minha filha frequenta o 5º ano e tenho outra que está no 11º ano. Tenho o 11º ano e sou empresário.

**I:** Tenho 42 anos, sou pai. Tenho um filho que frequenta o 8º ano e tenho outro que está na universidade. As minhas habilitações académicas são o 6º ano e sou técnico de madeiras.

**Inv:** Feitas as apresentações, vou então lançar o primeiro tema, que tem a ver com os órgãos de gestão e administração da Escola. Queria que os enumerassem para saber o conhecimento que têm sobre esses órgãos, se não se importam.

**H:** Directora, Conselho Pedagógico, Conselho Geral...

**C:** Temos que dizer o nome das pessoas?

**Inv:** Não, só queria saber se estão por dentro, se conhecem os órgãos de direcção...

**G:** Directores de turma...

**Inv:** Não, só os de direcção da escola. E relativamente aos órgãos em que os pais têm assento? Sabem quais são?

**C:** Sim, Conselho Pedagógico e Conselho Geral.

**Inv:** Conselho Pedagógico e Conselho Geral. Há aqui elementos que fazem parte do Conselho Pedagógico ou Conselho Geral?

**H:** Há.

**C:** Conselho Geral e Conselho Pedagógico.

**F:** Conselho Geral.

**Inv:** Dois que fazem parte.

**H e C:** Três.

**Inv:** Mas dois que estão aqui.

**H:** Três. Um, dois, três.

**Inv:** Três, desculpe. (*risos*) E aqueles que não fazem parte dos órgãos, têm conhecimento do que se passa no Conselho Geral, no Conselho Pedagógico, têm acesso a esses dados?

**E:** Eu tenho acesso porque faço parte da associação de pais.

**Inv:** E os que não fazem?

**B:** Eu tenho acesso a alguma informação quando venho às reuniões que são efectuadas cá na Escola. Vim à primeira Assembleia e também tenho algum acesso à informação da escola quando tenho a possibilidade de aceder à Plataforma da Escola.

**Inv.** Exactamente. Então e sabem qual o trabalho que é desenvolvido, acompanham o trabalho que os representantes têm no Conselho Geral, o que fazem no Conselho Geral ou no Conselho Pedagógico ou esse trabalho fica por ali ou realmente chega aos pais?

**G:** Posso dar a minha opinião?

**Inv:** Pode, está à vontade.

**G:** Eu acho que, na generalidade, como estamos aqui a ouvir, têm mais conhecimento aqueles que fazem parte de..., ou aqueles que acompanham através da Plataforma. Tenho noção de que aqueles que não o fazem de uma forma nem de outra não têm esse mesmo conhecimento.

**Inv:** Então posso concluir que acha que há muitos pais que desconhecem o trabalho que vocês desenvolvem nos órgãos de Gestão de Escola.

**G:** Exacto. Ou seja, se partirmos para o número de alunos da Escola e reflectirmos isso no número de pais, se a escola que têm uma média de 650 alunos tem no mínimo 1300 pais, eu creio que 70% não terá conhecimento por inteiro, ou de uma grande percentagem, daquilo que são os órgãos, daquilo que se faz no Conselho Geral, no Pedagógico, como é que as coisas são realmente feitas. Saberão, talvez, como é que é feita a composição da turma, que há um director. Isso aí, tudo bem, acredito. Isto é a minha opinião.

**E:** Eu também concordo.

**Inv:** E relativamente ao Regimento Interno da Escola e ao Plano Anual de Actividades? Os que não estão no Conselho Geral, porque esses aí já tiveram acesso, mas os que não estão, conhecem o Plano Anual de Actividades da nossa Escola?

**C:** A ideia que eu tenho é um bocado aquela que o Sérgio referiu ao bocado, que é que os que fazem parte da Associação de Pais, há uma preocupação de quem participa nestes órgãos depois de (...). Aquilo que eu às vezes me apercebo é que os outros pais não estão muito por dentro mas também não estão muito preocupados.

**G:** A não ser que consultem a plataforma...

**C:** Mas muito poucos, também...

**D:** Mas refere-se a actividades no geral?

**Inv:** Um plano, um Plano Anual de Actividades. Quais são as actividades que a escola se propôs desenvolver este ano, não as lectivas, não as aulas em si...

**C:** Mas extra...

**Inv:** Pois, as extra-curriculares.

**H:** Há muita gente que não sabe, acredito que mais de 50% não sabe qual é o Plano Anual de Agrupamento, por exemplo, da Escola.

**E:** E temos uma questão, relativamente ao último dia de aulas. Muitas vezes os pais não sabem o que é que vai acontecer no último dia de aulas.

**A:** Têm a delegada, mas muitas vezes as pessoas não acedem a essa informação.

**C:** Exacto.

**F:** Eu tenho dúvidas se os pais sabem que existe um Plano Anual de Actividades.

**G:** Muitos sim.

**Inv:** Acha que isso pode acontecer?

**G:** Acho que pode acontecer. Acho que têm essa ideia geral: existem professores, existe um director de turma, existe o Presidente do Conselho Executivo (se houver algum problema geral é chamado ao Conselho Executivo, ...) para além do auxiliar de escola, serviço de limpeza, cantina, etc., mas na organização acho que é esse o conhecimento maior que os pais têm.

**Inv:** Exactamente.

**G:** Entrar depois daí já é quem, ou através da Plataforma, que pode não ter disponibilidade para fazer parte dos organismos, mas mesmo assim pergunta ou vem de vez em quando à reunião ou vem falar com a directora de turma e pretende saber mais sobre como está o seu educando. Porque eu posso vir falar com a minha directora e perguntar-lhe “Como é que está o meu filho? Como é que ele se tem

comportado?” mas também a directora de turma tem receptividade para me dizer então como “O que é que vão fazer na escola este ano?” Mas mesmo essa questão surgirá, decerto, em pouca percentagem...

**B:** Pontualmente.

**H:** Mas se essa informação chegasse de outra forma aos pais, se calhar, por exemplo naquela reunião que se faz logo no início do ano com os encarregados de educação, se houver um bocadinho de preocupação da escola, e aqui não são só os pais que são culpados. A escola também tem... nós temos todos que assumir a nossa quota-parte de culpa. Nessa reunião, e estamos aqui a falar à volta dos 70, e para não dizer 80. Há pais que não têm conhecimento disto que nós estamos a falar, mas nessa primeira reunião pelo menos, ou naquelas duas de primeiro período, se essa informação fosse feita chegar aos pais, muitos desses pais ficavam a saber o que se passava, porque a única maneira de eles saberem é ali, porque a partir daí, só voltarão quando tiverem problemas.

**Inv:** Porque não vêm às vossas reuniões.

**H:** Porque não vêm às nossas reuniões.

**G:** Eu acho também que o que faz com que os pais possam vir aos órgãos como a Associação de Pais, por vezes, é a importância que se deve dar às associações, ou seja, os pais actualmente, muitos deles, eu noto que aquilo que eles acham que é importante é a escola e os professores e o que está ligado legalmente a isso, e não a eles participarem, querem é comodidade, sem nada de grandes preocupações nem muito trabalho. Se fosse anunciado a associação de pais de outra maneira, como sendo um órgão ou organismo importante, dar outro interesse à associação de pais, que não as pessoas que não têm mais nada que fazer, que muita gente vê assim os pais...

**Inv:** Os pais da associação?

*(falam vários pais ao mesmo tempo)*

**G:** Sim.

**E:** Sim, é verdade.

**C:** Sim, sim.

**E:** Dizem “Ah, eu tenho muito que fazer...”

**Inv:** Mas os vossos pares? Outros pais?

**F:** Sim. Este ano houve o movimento da associação de pais para fazer uma ficha de inscrição e notou-se a revelia de muitos pais ao ver a ficha tipo “O que é que este artista vem para aqui fazer?” (*risos*)

**F:** quanto menos trabalho melhor.

**F:** Quanto menos trabalho melhor.

**F:** É, quanto menos trabalho melhor. Aliás, nós, e já agora fica gravado (*risos*), nós, a associação de pais, tivemos a preocupação de no início do ano lectivo 2009, gastar dinheiro, que eu posso apresentar aqui as contas, (*risos*) em imprimir convocatórias e fichas de inscrição para fazer parte ou não (aceitamos bem o não, como é óbvio, porque toda a gente tem o direito de não ser sócio da associação de pais), mas não é isso que eu queria referir, é ao menos ter a amabilidade de responder, porque é uma falta de educação, se eu sou convidado para, e não digo sim nem não; não responder a uma questão que me foi colocada. Se sou convidado para uma festa, eu digo “obrigado pelo convite, mas não vou porque não posso ir”.

**H:** E há pais que ignoram.

**G:** Há pais que ignoram pura e simplesmente. São capazes de dizer “O que é isto? Mais um papel?” E depois vem-se a constatar uma coisa: como nós somos cidadãos, circulamos pela estrada, pelo café, pelo cinema (...) e de vez em quando encontramos pais que até surgiu o problema x ou y e, nessa altura, os pais já conhecem os membros da associação. E nessa altura há duas respostas: ou o membro da associação elucida e, calmamente diz “aparece lá e calmamente põe o problema no local próprio” e há outra mais radical, que muitas vezes é aquela que eu tomo, que é “este não é o local próprio para tratarmos desse assunto. Esse assunto deve ser tratado na escola. Há reunião no dia x, aparece lá e expõe-nos a situação”. Mesmo

assim, noto que em vários casos, alguns preferem tratar as coisas só por eles, não pondo o assunto no global. E eu acho que quando há um problema, um professor ou de qualquer tipo, deve ser resolvido no global, porque o problema não é só para o meu filho, o problema é para a turma, o problema é para a escola, o problema é para o geral. Se eu puder por o problema no geral, e se nós pudermos estar 10 ou 15 ou 20 pais a tratar do assunto, porque todos têm uma opinião, seja lá qual for o problema, tem uma força diferente do que um pai sozinho a comentar “o meu filho come mal, queria bifés mas só lhe dão outra coisa” e vou eu só falar no problema? Se houver uma grande percentagem, ou na associação ou na escola, a pôr o problema da alimentação na escola, o problema ganha outro peso, é resolvido. Por isso é que eu acho que a maior parte dos pais deveria estar interessada naquilo que se faz, no que se passa na escola, como é que se faz... Mas acho que não é isso que acontece. Aliás, mais um dado para ficar gravado (*risos*), em cerca de 700alunos...

**H:** 630, 633.

**G:** 630, temos uma média de 75 sócios na associação de pais, incluindo os da associação.

**D:** Nesse número?

**F:** Sim, nesse número. Com uma quota de 7,5€. E a associação tem tido todos os anos o cuidado de se lembrar dos pais; prova disso é aquilo que foi apresentado o ano passado, e que foi lembrado no dia da mãe, no dia do pai, em que foram dirigidos convites aos pais para participarem em eventos organizados pela associação. Não é por aí, não é pela associação não se lembrar dos pais, mas sim o contrário.

**E:** Eles tiveram a amabilidade de entregar no primeiro dia de aulas, no dia de apresentação aos directores, um papelinho de inscrição na associação, directamente ao pai ou à mãe.

**F:** Ninguém pode dizer que não recebeu.

**E:** Foi entregue um a um.

*(alguns comentários em surdina que não se conseguem perceber nem identificar o seu autor)*

**Inv:** Eu deixaria agora de lado a associação de pais que, como vimos, tem alguns problemas, e passaria para a vossa participação na escola. Costumam vir à escola, com certeza, falar com o director de turma?

**H:** Sim.

**Inv:** Eu gostaria de saber que tipo de contacto é que costumam ter, se preferem um contacto colectivo, em que estão os pais todos da turma, ou se preferem contactos individuais. Que tipo de contacto preferem com os directores de turma?

**E:** Eu, pessoalmente, tenho vindo a contactos colectivos.

**B:** E eu também.

**G:** Eu tenho vindo nos dois.

**E:** Eu, pessoalmente, nunca senti necessidade de vir para um contacto individual.

**D:** Eu já vim uma vez.

**Inv.:** E costuma vir por mote próprio ou a pedido do director de turma?

**D:** Na altura, eu estava um pouco preocupada, e até foi conveniente, porque um dos meus filhos de vez em quando excede-se um bocadinho (*risos*).

**Inv.:** Então, pelo que percebi, foi a directora de turma que solicitou a sua presença.

**D:** Não, encontrámo-nos, e eu aproveitei e ele também para conversar um bocado...

**Inv.:** Casualmente.

**D:** Sim, eu também não gosto muito do contacto telefónico, acho que é um pouco impessoal, nunca dá para as pessoas conversarem tudo o que precisam. E então conversámos um bocado, mas (..) penso fazê-lo mais vezes, de qualquer forma.

**C:** Eu, pessoalmente, aproveitava até à data as reuniões colectivas e achava que seria suficiente. No caso concreto, este ano, acho que vou ter que me deslocar cá à escola, porque há assuntos que, sendo colocados no geral, podemos estar a ferir susceptibilidades. Como não conheço os pais todos que lá estão, este ano vou ter mesmo de vir falar com o director de turma. Já o conhecia do ano passado, acho que é uma pessoa muito acessível e acho que não tenho problema nenhum em vir falar com ele pessoalmente. Mas só em casos pontuais, porque acho que os assuntos são da turma e devem ser discutidos quando estamos todos em conjunto.

**B:** Eu, já agora, também queria falar sobre isso. Eu tenho vindo às reuniões colectivas porque acho que há sempre assuntos sobre os quais nós não temos conhecimento, e nessas reuniões passamos a ter, porque há problemas que os outros pais levantam, que às vezes me passaram um pouco ao lado, e eu fico a saber. Mas a minha filha já anda no 8º ano, portanto é o quarto ano que anda aqui, e temos vindo, ou eu ou o meu marido, falar regularmente com o director de turma respectivo. Não é porque ela tenha problemas (porque felizmente não tem, seja de aprendizagem ou de comportamento), mas acho que é importante para o director de turma saber que ela tem uns pais que se preocupam e que estão atentos à educação dela, por isso acho que é fundamental irmos. Acho que uma reunião ou encontro complementa o outro.

**Inv:** E faz isso, quantas vezes por período? Já que é o quarto ano que cá tem a filha, costuma fazer essa vinda à escola com que frequência?

**B:** Pelo menos uma vez por período.

**Inv:** Procura ter um encontro individual.

**I:** No meu caso pessoal, podem ser as duas situações. Porque o ano passado foi um ano muito problemático para a turma em que o meu filho estava inserido, por isso usamos as duas situações, a particular e a colectiva, e optou-se com o devido acordo da directora de turma, que seria benéfico que eu, como representante dos pais que eu era, utilizasse outros caminhos para conseguir chegar mais além. No meu caso particular, como a turma era um pouco problemática, tive que ter o anseio de querer saber mais e depois juntar o útil ao agradável e saber o particular (o meu filho) e também saber o que se passava com os outros, como representante dos pais. A

receptividade foi quase nula – cheguei a fazer no Centro Social reuniões com os pais, onde deviam estar 17, e depois tentei inserir outras turmas mas não valia, porque era muita confusão, e depois poderia ferir algumas pessoas, e então utilizamos só a nossa turma para proveito próprio e de 17 alunos, éramos 6 ou 7, e eram sempre os menos problemáticos que estavam presentes.

**Inv:** Era o representante da turma?

**I:** Exactamente, já há muitos anos.

**Inv:** E a escola alguma vez vos pediu para ajudar a resolver algum problema?

**I:** Sim, foi uma atitude concertada entre todos, ou seja, tentámos vários caminhos para resolver um problema que era grave, e que felizmente este ano já foi resolvido. Era uma situação em que a escola (particularmente o director), apoiou o representante dos pais para lhe dar mais sentido de responsabilidade de tentar cativar, já que o professor não conseguia, outros professores não conseguiam, chegámos a fazer reuniões com os professores todos, que não é normal nos anos que estive aqui, estarem de 10 ou 12 disciplinas, 8 ou 9 professores, os outros não podiam estar, que tinham o cuidado de querer o melhor para a turma, e não era possível. Não era por falta de...

**E:** De vontade?

**H:** De vontade dos professores. Isso enalteci, e dei os parabéns aos professores porque eles foram incansáveis, e tenho a agradecer por o meu estar um bocadinho à parte, o meu e mais 7 ou 8 que realmente queriam e isso provou-se, porque ficaram muitos repetidos.

**Inv:** Pelo que vejo, a maioria dos pais que aqui estão, estão presentes na escola, mas nós sabemos que há muitos pais que não vêm à escola. Eu gostaria de ouvir a vossa opinião relativamente a essa situação. O que é que vocês pensam, o que é que se passará para que muitos pais não venham à escola, que não acompanhem os seus filhos.

**E:** Eu tenho a minha filha no 7º ano, é o terceiro ano que está aqui. Os meus colegas que também têm cá os filhos, o que dizem é “Para quê? Não vale a pena, não se faz nada... é um desinteresse... Não sei o que dizer para que elas pensarem de outra forma... Por exemplo, há dois anos, no último dia de aulas, o dia desportivo, que foi um dia espectacular, havia colegas da minha filha que queriam ficar aqui e os pais queriam levá-las, dizendo “não há nada de jeito, isso não presta”, mas não se informaram sobre o que era o dia. As miúdas ficaram e adoraram ...o último dia de aulas. Adoraram, foram para casas felizes. Os pais não se informaram sobre o que é que a escola tinha; lá está, há um desinteresse de certas pessoas, mas também não procuram mudar.

**I:** Se me der licença, o meu objectivo é um bocadinho diferente (se calhar é o mesmo). Em princípio, há a questão social. Hoje em dia, os pais não têm formação superior (como no meu caso), embora tente, por outros caminhos, informar-me. O que noto aqui na zona, e que toda a gente conhece, é, em primeiro lugar, a questão social. E porquê? Para já, porque a formação das pessoas é quase nula. Depois, os pais muitas vezes têm problemas, o pai tem problema disto, a mãe tem problemas daquilo, seja alcoolismo, ou porque está desempregado ou outros, e tudo isto acarreta um desinteresse na própria vida, ou seja, as pessoas, devido aos afazeres que têm, nota-se um certo abandono a nível dos pais.

**Inv:** Então, pelo que entendo, está a dizer que os pais por vezes não se interessam pelos filhos porque têm tantos problemas para resolver que não se...

**I:** E depois também há a questão de outros pais numa situação financeira mais desafogada que, por estarem a gerir isto ou aquilo, também não têm tempo, pois quando chegam a casa já é muito tarde. E eu entendo que há qualquer coisa que está muito mal, porque para ter alguns encontros sociais, alguns jantares, há tempo. Eu falo apenas do que tenho conhecimento.

**E:** Isso mostra algum desinteresse dos pais!

**F:** Exactamente!

**E:** Quando a minha filha veio para o quinto ano, eu tentei logo aperceber-me do que se passava, se havia uma actividade, incentivá-la a estar cá, para participar e não

dizer “não vais, anda para casa, isso não presta”, por isso, não sei o que se possa fazer...

**F:** Nesse caso, tenho uma resposta, há o desporto escolar?

**Inv:** Há.

**F:** Ou seja, há uma actividade aí em que alguns pais, que não tenham a hipótese de levar o filho ao futebol ou andebol, por exemplo, poderiam utilizar esse bocadinho de tempo, que é pouco, mas é um bocadinho. A resposta é “não vais porque não vais estar mais duas ou três horas à espera.” São estas situações que eu vou constatando dia a dia, ou seja, há o problema do filho até querer, mas o pai não pode. Não pode porque se calhar...

**E:** Mas lá está, no último dia de escola, que eu tenho gravado que a minha filha delirou, eu fui pra casa a caminho da uma da manhã e paciência.

**F:** Exactamente. Mas a senhora faz isso com prazer!

**E:** Faço com prazer. Nem que fizesse uma directa, faço tudo.

**?:** Mas o problema é que não é geral.

**B:** Eu também penso que às vezes é um bocado...

**E:** ...o comodismo.

**B:** E não querer saber dos problemas também. Porque se não soubermos que existem problemas, somos muito mais felizes, não é? Se calhar não irmos à escola e não sabermos dos problemas que existem lá...

**C:** Isto não é só problemas!

**B:** Mas também sabemos que existem muitos problemas nas escolas.

**A:** Normalmente são chamados à escola os pais que têm os filhos problemáticos. E se eles vêm ouvir mais do mesmo, não querem.

**B:** Aliás, “os professores dizem sempre, só não está cá quem devia estar”. Os que estão cá quase nem precisavam de vir, porque os filhos acabam por não ter...

**H:** Eu costumo dizer “faz-se reuniões para os maus alunos, porque os bons não precisam”.

**B:** E se calhar é difícil vir ouvir que os filhos causam tantos problemas...

**H:** Se houvesse esse lado da escola, se calhar trazia-se mais pais, porque nós vamos a reuniões mesmo por causa disso. Reuniões porquê? Porque um se portou mal, porque outro está a fazer isto, outro está a fazer aquilo, problemas mais caricatos que aparecem... E não há uma reunião porque se diz “há aqui 6, 7, 8 alunos que são bons alunos!” Nunca fui a uma reunião dessas e nunca ouvi falar.

**G:** Sou um bocadinho mais radical, e na minha opinião, para que conste, o meu filho está no oitavo ano e nunca foi fácil. Nunca foi difícil e tenho aqui colegas da associação, nunca foi extremamente difícil e nunca foi fácil. E não foi por isso, desde os quatro anos, hoje ele está no oitavo ano e continuo. E nunca foi fácil, já fui chamado à escola. Mas eu também dizia que não queria um filho “morcão,” queria um filho cheio de vida, portanto também tenho que arcar com as minhas responsabilidades. (*risos*) Porque eu gosto que ele seja assim. Agora, eu tenho que saber gerir o que ele faz. E os impulsos dele, que até acho engraçado, desde que bem geridos, e eu já passei pela idade dele, e nós muitas vezes como pais somos iguais ou piores. E eu posso dizer que fui pior que ele, mas não quero que ele seja pior. Vou tentar... não devemos é virar as costas. Vou ser mais radical: hoje em dia, os pais estão a entrar no comodismo, vão buscar sempre umas frases que lhes interessa para justificar, só arranjam justificações tipo “porque estou desempregado, porque estou cheio de problemas”. Mas toda a gente tem problemas, uns de uma maneira e outros de outra. “Tenho trabalho, tenho muitos problemas de trabalho, não consegue dormir...”, o que tem menos, tem problemas. O que eu queria deixar bem vincado, e é assim que as pessoas devem pensar: os filhos são nossos filhos e é da nossa responsabilidade e não é da responsabilidade de mais ninguém. Aquilo que os pais fazem hoje em dia é depositar só na escola a responsabilidade. E, para mim, deveria ser criada uma lei, deveria ser criada uma lei, em que os pais deveriam ser obrigados a vir à escola quando são chamados.

**C:** Deviam ser responsabilizados pelos actos dos filhos.

**G:** Não era os filhos, eram os pais e porque não penalizados? E porquê? Porque hoje em dia vemos muito na sociedade (tenho conhecimento de causa porque tenho familiares na área social), as pessoas depositamos filhos e atribuem todas as responsabilidades da educação dos filhos aos outros.

**F:** Menos a eles! Eles é que são os pais, eles é que os registaram e elaboraram, mas depois nas horas de responsabilidade... Eu se for chamado à escola “aconteceu isto, venha cá que temos que falar um bocadinho” e eu não vou? Vou fugir ao problema? Eu só resolvo o problema se for lá! Vou lá ouvir e digo “OK, professora o que é que acha que devo fazer?” A própria profissional está-me a tentar ajudar a resolver o problema do meu filho! Não me está a chatear a cabeça, está-me a tentar ajudar. E a prova disso é que ele veio para cá no quinto ano, surgiram problemas e passou para o sexto. Surgiram problemas no sexto e passou para o sétimo, surgiram problemas no sétimo e passou para o oitavo. E porque não surgirem problemas no oitavo? Ele está a seguir o percurso dele. Se eu tivesse virado as costas no quinto ano, provavelmente não teria tido este percurso. Mas as pessoas preferem virar as costas aos problemas, são chamados à escola e não vêm. Como fui sempre representante de turma, inclusive tive solicitações de encarregados de turma a pedirem-me para chamar outros pais, mas eles não têm tempo de vir à escola. Mas eu ia ao café e encontrava-os descansados a beber a sua cervejinha. E, depois de bem torneados, já arranjavam algum tempo para vir à escola. E até acabavam por dar razão, de que a professora até queria ajudar. Mas nós muitas vezes sabemos que é complicado.

**H:** E há muitos apoios sociais que deviam ser simplesmente tirados.

**F:** Por exemplo.

**H:** Para mim, uma parte fulcral da questão é esta. Os apoios sociais que os miúdos têm, como escalão A, se formos aos escalões e começarmos a penalizá-los por..., os pais se calhar começam a interessar-se mais, porque o pai que tem escalão A não tem dinheiro para o filho, nem para isto nem para aquilo, mas se calhar vai ao café beber e fumar... Não se preocupam com o filho que está aqui. Mas se a escola ou entidade superior disserem “tens x mas não vais à escola? Então vamos tirar-te o subsídio”. A

peessoa vai logo começar a ver porquê e vem logo à escola, telefona porque lhe vão tirar o subsidio, e no outro dia vem logo à escola saber porque lhe vão tirar r o subsídio, perguntar o que é que eu tenho que fazer.

**Inv:** Eu voltava à questão que eu levantei no início: porque é que alguns pais não vêm à escola? Foi aqui dito que poderia ser desinteresse, como disse aquela senhora, mas eu pergunto novamente: não virão por dificuldades? Ou seja, haverá pais que não vêm à escola por dificuldades, porque encontram alguns problemas que não lhes permite vir à escola?

**H:** Possivelmente, num universo deste tamanho, há sempre meia dúzia de pais que se calhar...

**A:** Se falarmos de crianças de etnia cigana vão dizer que o táxi não está à porta, vão dizer que não podem vir, essa é uma resposta...

**B:** Essa não sabia.

**A:** Mas eu sei!

**H:** Mas se for outra de etnia cigana ...*(não se entende)*

**A:** Ou então vai ao LIDL e também não pode vir à escola.

**H:** Pois!

**G:** É um problema da sociedade, porque inclusive tenho conhecimento de negociações de directora de escola com membros da etnia cigana para “se vieres à escola levas um saco, se não vieres à escola não levas o saco.” Então, eles vêm à escola para levar o saco. E nós é que estamos a alimentar isso. Problema da sociedade. Temos que impor mais regras para as pessoas saberem o que é que têm que fazer.

**Inv:** Eu punha a questão das dificuldades que, por exemplo, podem ser provocadas por um emprego que não lhes permite vir à escola. Não sei se não têm esse problema. Mas não há pais que podem ver o seu posto ameaçado?

**B:** Eu acho que sim porque eu para vir à escola no horário em que a directora de turma atende os pais, tenho que faltar ao meu emprego. E o meu patrão nem sempre vê com bons olhos essa falta. Por exemplo, hoje para vir cá, tive que ir levar as minhas filhas ao atletismo, tive que sair um quarto de hora mais cedo. E ele não vê isso com bons olhos.

**C:** Mas a lei diz que há... (alguma *confusão*, *falam vários ao mesmo tempo*; *não se entende o que dizem*)

**B:** Mas a lei é uma coisa e a realidade de trabalho é bem diferente.

**G:** Mas nesta escola os directores de turma facilitam muito o atendimento fora do horário que está previamente definido.

**B:** Sim, a directora de turma disse-me que se não pudesse vir no horário que está estipulado, havia disponibilidade de outro horário. Mas, voltando à questão, é sem dúvida um dos entraves.

**C:** Mas é uma percentagem minúscula.

**G:** Mas esses entraves e essa percentagem tem que ser considerada.

**C:** Muitos pais que neste momento estão desempregados (porque existe essa realidade na nossa escola) pura e simplesmente não vêm à escola porque...

**F:** Por falta de dinheiro.

**C:** Eu observei uma situação nesta escola que até fiquei chocada. Estávamos numa reunião a discutir vários assuntos que o director de turma achava que devia colocar e uma senhora que estava presente pura e simplesmente levantou-se e disse “Onde é que eu assino? Eu tenho que ir embora, porque isto não é conversa para mim!” Perante isto, o que é que as pessoas podem fazer? Os problemas que se estavam a discutir, da turma, que eram comuns a todos, ela simplesmente se levanta...Com

pais assim é muito difícil as pessoas trabalhar. Nem sei se essa pessoa tornou a vir à escola.

**F:** É uma questão de prioridades. Se pusermos o filho como prioridade, arranja-se tempo para tratarmos deles. Se dermos prioridade ao prazer e ao comodismo, não se arranja tempo para o filho.

**E:** Era essa a questão que eu colocava. Eu, neste momento, deixei muitas coisas para trás e estou aqui... E se marcasse a reunião para as nove ou dez, também vinha cá.

**H:** É o sentido da responsabilidade. Nós é que fazemos com que os filhos venham ao mundo, nós é que os queremos. Se os queremos, temos que os acompanhar.

**E:** A minha filha tem 12 anos e não tem culpa de ter nascido, eu é que a pus no mundo. Eu acho que é meu dever orientá-la; deixo tudo para trás, ela está numa fase em que quer conversar muito e eu deixo tudo... Às vezes estou a entrar em casa, a pousar o saco, e ela quer-me contar o dia e eu deixo tudo, e estou a ouvi-la. E... acho que tem que ser isso, tem que ser assim, neste momento tenho que dar prioridade às questões que ela me coloca, porque a idade também é difícil, ela está a ficar diferente. E eu lá está, deixo tudo, sacrifico-me. Sacrifico-me, não é sacrifício, porque é com gosto!

**G:** Se formos dizer aos pais para vir à escola, não há tempo. Mas se fores ter com os pais para uma patuscada, para um jantar ou para isso, há tempo para tudo! (*risos*) Para tudo, para tudo.

**Inv:** Eu gostaria também de saber o vosso grau de satisfação com esta escola. Se pudessem, tiravam os vossos filhos desta escola para uma outra? Ou estão satisfeitos com a escola?

**C:** Há coisas que eu não entendo como é que possíveis serem feitas, nesta escola. Por exemplo (não vale a pena esconder), eu não entendo porque é que temos uma turma estável e vamos destabilizá-la por completo no ano seguinte. Por mais que eu pense, e tenho andado a adiar, gostava de entender primeiro antes de falar do que quer que seja porque é que estas coisas se fazem. E não consigo entender porque é que esta escola (e outras, eventualmente), não consegue criar uma alternativa para meninos

que não querem frequentar a escola. Nos aqui não vamos discriminar ninguém, toda a gente tem o direito de aprender, quem quer aprender tem que ter oportunidade de o fazer. Mas neste momento valoriza-se demasiado os que não querem aprender em prol dos que querem trabalhar. Porque já tive aqui a minha filha mais velha e o discurso é sempre o mesmo: “vamos ver como é que podemos melhorar, vamos ver como é que podemos melhorar”. Mas não vemos nada a dizer os que estão mais ou menos como é que eles sobem mais um bocadinho, não vemos isso. Estamos a criar uma sociedade de pessoas mais ou menos. Aqui não pode haver bons, nesta escola. Aqui estamos a criar meninos que sejam mais ou menos, porque os bons ficam de fora. E é normal que se alguns pais têm algumas condições económicas, os coloquem noutra sitio onde eles vão ser puxados e trabalhados. Eu não estou a dizer que eles não são, eu conheço esta escola, é muito boa e tem muitos bons profissionais. Se calhar temos é que criar caminhos diferentes para aqueles que querem trabalhar, porque está mais que visto, é impossível miúdos de 14, 15 anos à beira de miúdos de 10 ou 11. Ele já repetiu 1 ano, dois ou três, se juntar dois ou três na mesma turma, eu nem sei como é que é possível o professor trabalhar.

**H:** Isso não é um problema só da escola.

**C:** Mas devia haver maneira de criar uma turma especial...Porque é que não se cria uma turma especial...

**H:** Mas foi o que eu disse ao bocado. Só se fazem reuniões para os maus alunos, para os bons não.

**Inv:** Mas não respondeu à minha questão.

**C:** Eu, se calhar, neste momento se tivesse dinheiro, pensava seriamente nisso. Se calhar não é uma questão de dinheiro, é uma questão de prioridades, pronto. Não está mal, está mais ou menos, mas se piorar penso seriamente nisso.

**G:** Eu tenho uma opinião um bocadinho diferente. Quando o meu filho cá chegou , no quinto ano, eu li as regras que são distribuídas...

**Inv:** O regulamento interno.

**G:** O regulamento interno, exactamente. Fiquei muito maravilhado com o que li, porque realmente, se for cumprido, isto parece quase o Colégio Militar. E eu gostava que houvesse mais regras, não digo a farda, mas regras e disciplina. Quando o meu filho me diz “porque fulano fez-me assim” eu penso “está a trabalhar mesmo bem, é para isto que a gente lhe paga”. Porque nós, pais, somos os contribuintes, e eu prefiro um funcionário que meta o meu filho na linha do que um funcionário que facilite, assim como prefiro um professor que exija do que um professor que facilite, porque é essa a sua função. No meu trabalho, sou pago para trabalhar. Só que, na prática, é muito difícil aplicar o Regulamento Interno. Eu tenho conhecimento de um Colégio de topo, que frequento todos os dias, e fiz alguma comparação. Um Colégio de topo, daqueles senhores que como a letra C falou (*risos*) podem pagar bem porque fica mesmo muito caríssimo. E, se isso importa, não se vê muita diferença no comportamento das crianças. Vê-se é nos resultados, vemos é quando pomos duas crianças da mesma idade a falar de um certo assunto. Nota-se a diferença de aprendizagem. Até que ponto podemos esperar que o ensino desta escola atinja esses parâmetros quando temos alunos com imensas dificuldades? Porque quando estamos a falar desta escola, os problemas já vêm da primária. Porque na escola primária passa-se sucessivamente com “n “problemas. Tenho dois sobrinhos na quarta classe (e ainda ontem estive com a ajudá-lo) e questiono-me como é possível chegar à quarta classe naquele patamar. Se aquele miúdo não tiver este ano um grande apoio e um grande desenvolvimento, chega aqui ao quinto ano, está muito mau para ser trabalhado. Agora, a outra parte que eu não concordo. Por um lado, é bom enfrentar as coisas na naturalidade. Ou seja, a sociedade está excelente? Não está. A sociedade está exigente, a sociedade está ruim, a sociedade dá saltos, é preciso defender-se. Um miúdo que é criado num Colégio com todas as “papaiquices” vem para a sociedade e nota um ambiente mau. Se o meu filho conseguir atingir objectivos razoáveis dentro de uma sociedade que é a sociedade padrão, que é a sociedade em que ele vai viver o resto da vida dele, ele fica com mais anticorpos para se defender dos ataques dos vírus (*risos*) Ou seja, está mais preparado para a sociedade. Se eu nunca levar um “chapadão” na vida, quando levar até caio para o lado! Mas se estiver habituado já estou mais firme, estou à espera e já me vou defender. E a vida, como todos nós que estamos aqui sabemos, não vai ser só sol e praia. Vai acontecer muita coisa pela vida fora, muitos percalços e quedas, por isso quanto mais preparado estiver para cair, melhor. Mas isso sempre num contexto...

**C:** Isso é tudo muito bonito porque tens um filho no oitavo ano, mas se pudesses comparar alunos do 11º que se vêm aflitinhos, e depois as vagas estão todas ocupadas por uns meninos que saem do privado com notas megalómanas. Porque o público não as tem nunca, se calhar por falta de bases dos anos anteriores, já vias isto de outra forma.

**G:** É a comparação que eu faço. Eu levo uma aluna com 13 anos para o Colégio Inglês e convivo com ela todos os dias desde há 4 anos. E tenho o meu filho com a mesma idade, no mesmo ano. E eu sou sincero: se eu puser o meu filho a falar inglês com ela é “xau, é xau completamente”. Se formos para um debate, questões geográficas (porque são pessoas viajadas, mas não é só isso), o desenvolvimento do ensino é de tal ordem aprofundado em quase todas as questões, proporcionam-se debates, discutem-se ideias, colocam-se coisas em mesas, opiniões, actividades desportivas, culturais... É todo um conjunto de coisas que eu gostava que ele tivesse igual a ela, mas no ensino que nós temos nesta escola, é quase impossível.

**C:** Deixa-me fazer-te uma questão. Achas que o teu filho tinha condições para atingir esse patamar?

**G:** Acho que sim!

**C:** Então, se calhar, se tivesse sido trabalhado um bocadinho diferente, se houvesse outro tipo de regras, podia atingir... Se calhar é daqueles que gostava de atingir esses patamares, mas nunca vai conseguir...

**H:** Mas vamos ver de outra maneira: a escola particular, o colégio, tem lá quem quer.

**G:** Escolhe.

**H:** Escolhe. Eu aqui discordo em muitos pontos. Por exemplo, quando aparecem os rankings, não ligo nada, isso é tudo falso.

**C:** Eu também.

**H:** Em parte, defendo um bocado o público, porque o público tem que levar tudo. Tem que mudar as regras, como naquilo que falaste, por exemplo para aqueles alunos que reprovam muitas vezes outro tipo de apoio, como cursos profissionais paralelos,

em que eles saiam logo no quinto ano, não pode passar daí – não posso comportar que a minha filha no quinto ano tenha alunos na sala de 16 anos.

**C:** Precisamente, que é o que acontece nesta escola.

**H:** A minha filha anda nesta escola há sete anos, do 5º ao 11º. Já conheço a escola há 7 anos. Não vou negar que ela melhorou, melhorou muito! Daquilo que eu conhecia há 7 anos, a escola melhorou. Mas neste aspecto piorou!

**C:** É igual...

**B:** Eu acho que não se pode generalizar assim... Acho que há muitos factores a ter em conta. A minha filha na primária era uma excelente aluna, e veio para aqui no 5º ano, mas as notas dela e a sua prestação ficaram muito aquém do que nós esperávamos, tendo em conta os resultados anteriores. E a que é que isso se deveu? Ela ficou numa turma que tinha elementos destabilizadores. Ela veio com 9 anos, faz anos em Outubro e tinha dois colegas com 15 anos.

**H:** É isso que eu estou a dizer...

**B:** Mas entretanto ela continuou nessa turma, fez o 5º, fez o 6º com notas medianas, porque a turma não evoluía. Ela tinha um patamar mas precisa de incentivos, não podia pedalar mais e por isso ficou por ali. Quando fez o 6º ano a turma dela passou para a escola de baixo e nós optámos por mantê-la cá noutra turma. E os resultados melhoraram como da água para o vinho! (*vários comentários que não se entendem*) Há vários factores, não é a escola; não se pode chegar aqui e dizer “a escola funciona mal” e aquela ali funciona bem.. Se calhar nos colégios privados também há turmas mais fracas e outras excelentes.

**H:** Evidentemente que os que vão a exame para contar para o ranking são os bons!

**B:** E depois há vários factores, os colegas, a turma, os directores de turma, os professores, tudo isso contribui para que a turma seja boa ou não.

**H:** No público vão 100 alunos a exame, a contar para o ranking, e no privado vão 6,7...

**Inv:** A minha questão era no sentido de saber, se pudessem, retiravam-nos daqui?

**C:** Eu acho que isto tende a melhorar, eu concordo com o Sérgio, é uma questão de opções. Os miúdos têm que estar inseridos ...

**D:** na cela

**H:** na sociedade

**C:** na sociedade. O que é preocupante é isto não ter outro tipo de ...*(Falam vários ao mesmo tempo)*

**A:** Este ano, quando a minha filha fez o 4º ano (tenho três filhos) e questionei-me se ela deveria ir para um colégio (sou professora cá). A direcção surpreendeu-me quando me disse: “mas tu tens possibilidades?” e eu respondi “não tenho. Tenho possibilidades para uma, para três não tenho.” Porque eu depois quero dar aos três (...) Mas a direcção também disse “tu tens possibilidades de dar outra, outra resposta melhor.

**D:** Isso até fica mal à direcção.

**C:** Ainda bem que tocaste nisso, porque se fizermos aqui um inquérito aos professores desta escola e perguntar-lhes quantos é que têm aqui os filhos e quantos põe os filhos nos colégios, eu gostava de saber essa resposta.

*(algum burburinho)*

**Inv:** Essa questão podemos deixá-la para o fim, e eu depois posso ajudar a saber isso. Mas neste momento eu queria centrar-me no nosso trabalho aqui na escola.

**B:** Mas concordo com o seu ponto de vista.

**G:** Mas há um dado que aqui o H deu, muito importante. Se nós formos à turma x e fizéssemos uma avaliação de professores (isto não desprestigiando ninguém), certamente haverá uma discrepância maior, porque há uma variedade maior. Enquanto que no privado sabemos que são escolhidos a dedo.

**C:** Não, isso é mentira. Nisso não concordo contigo.

**G:** Eu sei, de antemão!

**C:** Aqui também tem muitos bons professores, mas os meninos que não querem trabalhar...

**G:** Não estou a dizer que não se tem bons professores. Posso dar um exemplo. Se eu falar da directora do meu filho, que é professora dele desde o quinto ano e continua a tê-lo no 8º é, na minha opinião, uma excelente professora, e não é só porque ele tem positiva na disciplina dela. (*risos*) Também já teve negativa! Acho que tem a ver com o trabalho desenvolvido. No entanto (e esta a discrepância que eu estou a frisar), acho que há outra disciplina que, desde o 5º ano tenho acompanhado para que ele melhore, e ele não consegue ir lá. Um dos dados que eu acrescento é que os professores que ele tem tido nessa disciplina não ajudam em nada para ele lá conseguir chegar. Enquanto se ele tivesse essa disciplina leccionada por outro professor, talvez chegasse ao objectivo. E eu também sou o que sou, e pode haver um que é muito mais profissional que eu. E eu não posso dizer “vamos dar um tiro professor”, porque ele tem que leccionar nalgum sítio, à sua maneira, da sua forma, é assim que ele trabalha. O que é que nós podemos fazer? Eu acho que não é a melhor forma, pelo acompanhamento que fiz, mas ele é que é o professor. Não posso chegar lá e dizer “ensine-o de outra maneira!” porque ele vai-me responder “o seu filho é que não entende! Porque eu explico a, b, c e ele não atinge.” E é verdade, não deixa de ser verdade. Só estou a dizer que são professores diferentes. Aliás, quando falámos da primária queria dizer que o meu filho também era um excelente aluno na primária. E cheguei aqui no quinto ano e vi que era completamente diferente. E agora que ando cá há algum tempo, vejo que é mesmo muito diferente, e porquê? Na primária têm um professor para ensinar várias áreas e aqui têm vários professores para várias áreas. Todos os professores são diferentes, as áreas são distintas, é óbvio que se têm mais dificuldades nesta ou naquela área, vão sobressair mais, como pode acontecer atingirem objectivos melhores. E é isso que tem vindo a acontecer e para mim isso é a principal diferença. Quanto à escola, acho que funciona mais ou menos bem e, devido à comparação que faço, prefiro que ele esteja aqui.

**Inv:** Há então aspectos positivos, e negativos com certeza na escola. Eu começaria pelos positivos. Gostaria que identificassem aspectos positivos.

**C:** Eu acho que se deve realçar que sempre que há um problema, se vê na direcção da escola a preocupação em resolvê-lo e informar; Acho que qualquer pai... nesse aspecto, penso que a escola é incansável e isso é muito importante.

**?:** Também tenho essa opinião.

**H:** Eu também, pelo menos para nós que estamos mais aqui.

**G:** Acho também que a escola está muito mais rigorosa do aquilo que eu já conheci.

**H:** E nota-se em alguns professores outro tipo de...

**D:** Comportamento.

**H:** De comportamento e de preocupação, pelo menos. Não sei se isso terá alguma coisa a ver com a direcção, provavelmente terá. Mas também há a parte negativa de professores que não se importam com nada.

**Inv:** Aí já vamos para os aspectos negativos.

**G:** Mas nos positivos, acho que há uma preocupação muito grande, no comportamento. Acho que havia muito mais mau comportamento anteriormente.

**H:** Notou-se uma melhoria, não vamos negar.

**Inv:** E quando refere essa melhoria, qual é o seu termo de comparação? Do tempo em que era aluno? Ou é um tempo de comparação muito longo?

**H:** Eu faço do tempo...*(interrompido por G)*

**G:** Vou referir alguns aspectos sobre isso: foi colocada aos pais a hipótese de os filhos poderem sair ou não e, portanto, haver uma responsabilização dos pais sobre isso. Ou seja, a escola assume a responsabilidade pelos alunos. Depois, a forma de organização da justificação das faltas, acho que é muito bem controlado. Basta o encarregado de educação estar minimamente atento à caderneta. Pode haver comunicação entre a escola e o encarregado de educação ou com outro professor (este ano já fiz isso e o professor respondeu-me). Para justificar as faltas, é da mesma

forma, é uma coisa rápida, a não ser que o aluno tenha a “amabilidade” de perder a caderneta (*risos*) ou a faça evaporar

**Inv:** São pontos positivos.

**H:** Acho que são pontos positivos. A plataforma...

**?:** A plataforma, onde a partir de certa hora pode-se ver logo se o filho está na escola ou não.

**B:** E o facto de podermos comunicar com o director de turma através da plataforma, também é um aspecto positivo porque a qualquer altura podemos...

**H:** E no espaço temporal! Como eu estava a dizer, são melhorias com sete anos...

Embora esta parte das turmas a mim, este ano...

**Inv:** Então vamos aos aspectos negativos.

**H:** Os negativos são isso, os professores. Eu tenho conhecimento que há professores que dentro da sala de aula chamam “burro” aos alunos, em frente aos colegas. Eu acho que isso não está bem, um professor não pode chamar isso, de uma forma pedagógica, na sala de aulas. É um caso que terei que discutir em particular com o professor. Não é um aspecto negativo de uma forma geral, mas tenho conhecimento que um professor fez isso. E, como eu disse ao bocado, acredito que há professores bastantes bons aqui na escola, acredito mesmo porque vou falando com pessoas, e há pessoas excelentes aqui na escola. Agora também há o contrário: a formação de turmas, de horários (ainda este ano tive problemas de horários na turma da minha filha, pedi para trocar numa reunião de turma (foi acedido), mas porque é que foi preciso pedir? Na próxima reunião vou perguntar “porque é que foi preciso vir aqui pedir?” Não há ninguém que pudesse ter visto logo isso? Acho que houve uma falha e é como eu digo, há sempre falhas, nem tudo é perfeito.

**A:** Atendendo à complexidade que é fazer horários, é um aspecto a considerar.

**H:** Eu sei, eu sei.

**A:** Também esse é um aspecto que tem que ser considerado.

**H:** Há outro aspecto negativo para além dos horários e não haver preocupações de quê? Vou particularizar outra vez: a minha filha vem, à 5ª feira..., vem carregada como “uma burra”.

**A:** É à terça.

**H:** Como burras! E eu outro dia disse “o que é isto?” Não pode vir com um saco enorme às costas, ainda vem com um saco de física, está mal feito, é uma falha da escola que..

**B:** Até traz problemas graves para futuro.

**H:** Se fossem alunos corpulentos, mas não, são pequeninos, magritos, fraquitos...

**B:** Também acho que os horários deviam ser (...)

*(vários comentários em simultâneo não permitindo identificar os seus autores)*

**A:** Não deviam marcar disciplinas com material muito pesado, todas juntas.

**H:** Mas é isso que eu vou dizer! Está mal, é outro aspecto negativo. Não é de uma forma geral, mas há aspectos negativos pontuais dispersos pela escola. Poderiam melhorar, de facto.

**D:** Posso falar de uma situação que para muitos não será relevante? Uma das coisas que me desagradou bastante quando vi a turma dos meus filhos foi o facto de terem lá dezassete rapazes. Eu digo isto porque tenho rapazes em casa e sei que eles são de uma natureza muito mais agressiva, muito mais traquinas e já se está a notar muito no comportamento. Os professores também dizem que é a turma pior, que são uns barulhentos. Acho que podia haver um bocadinho de cuidado: uma vez que eles não vieram todos da mesma escola, podiam ter mais cuidado de dividir, penso que não é complicado.

**H:** Eu penso que a parte negativa será essa: horários...

**E:** É preciso não esquecer as senhas da cantina. Os miúdos têm dificuldade a comprá-las.

*(Alguma confusão, falam vários ao mesmo tempo pelo que não se entende o que dizem nem quem fala)*

**H:** Eu prefiro evitar os problemas e venho cá e compro-as.

**C:** Há pais de Crestuma, Lever, que se levantam as sete da manhã e chegam as sete da noite a casa.

**A:** Mas se tivermos horários como os nossos têm, eles vão aprendendo a gerir o tempo.

**D:** Eles têm duas horas para almoçar... E não dá para comprar?

**E:** A minha filha o ano passado não tinha hipótese de comprar.

**A:** Mas o horário já mudou.

**E:** Este ano foi alargado.

**A:** A partir das 8, 8.30, já está aberta.

**A:** O ano passado não dava.

**H:** Eu penso que da parte dos miúdos tem que haver um bocadinho de...eles vão-se é baldando.

**E:** As filas para o almoço são...

**A:** Isso são, mas isso...

*(Entra na sala um EE que passa a ser designado pela letra J)*

**J:** Não sei se venho a tempo ainda.

**Inv:** Poderá assistir a mais um bocadinho, se quiser.

**J:** Era às seis e meia, não era?

**B:** Em relação à cantina, acho que este ano a comida não é confeccionada cá na escola, ao contrário dos outros anos, e acho que a qualidade... A minha filha gosta muito de comer, queixa-se muito, e queixa-se muito de...

**?:** Puré? (*risos*)

**B:** Não... Acho que já mudaram de empresa.

Sim, mudaram de empresa. No início acho que a comida era muito salgada, os pratos não vinham muito cheios, repetem muitas vezes a mesma coisa... Este ano a qualidade deixa um bocado a desejar. Melhorou um bocadinho, segundo ela...

**E:** A minha também diz que melhorou um bocadinho, mas continua a queixar-se.

**A:** É um dos aspectos menos positivos.

**H:** Sim, sim, é a cantina.

**E:** Não é possível voltar a essa situação, ser feita cá?

**Inv:** Isso ultrapassa a direcção da escola.

**H:** Pois é, ultrapassa.

**Inv:** Não é decisão da escola, são normas superiores. Eu queria ouvir a vossa opinião relativamente à vossa participação na escola. Sentem (e eu acho que já senti isso) que a vossa participação na escola é adequada e suficiente ou sentem que deveriam ter mais tempo para vir à escola, que deveriam estar mais presentes na vida dos vossos filhos ou sentem que chega, que fazem o adequado?

**F:** Eu gostaria de dispor mais tempo, mas o meu filho já considera que eu o asfixio com perguntas... Da minha parte, gostava de conseguir estar mais atento, mas não tenho a disponibilidade que gostava. Pelo testemunho do meu filho, não tenho motivos para me preocupar. E eu gosto de estar atento porque quero estar presente nos problemas da escola e tentar aconselhá-lo. Actualmente não tenho tido problemas, e temos outros métodos para conseguir. A situação que eu noto que às

vezes surgem alguns problemas é a “descredibilização” dos professores. Nós queremos passar a imagem de responsabilidade para os nossos filhos, e eles têm-nos a nós como líder, nós gostamos que na escola o professor tenha essa imagem de liderança. E eles ficam descredibilizados quando sobrecarregam as crianças de trabalho e ameaçam vê-los porque até irá contar para avaliação e chega-se ao final e nem sequer requisitam esses trabalhos nem vão avaliá-los. A criança até pensa “se calhar mais vale não fazer porque isto é perda de tempo, ela nem vai avaliar!”. O testemunho que eu tenho que dar ao meu filho é que ele tem que dar o máximo e fazer os serviços que lhe são atribuídos e que apesar de pensar que a professora não está a ver, ela está de facto a ver. Se calhar não é bem assim, eu é que tenho que lhe “virar as ideias”. Mas acontece muitas vezes.

**Inv:** Mas a questão que eu pus era ao contrário: o pai sente que, se pudesse, ainda gostaria de estar mais presente.

**F:** Sim, mais presente.

**Inv:** E os outros? Acham que chega?

**B:** Eu acho que a escola deveria, se calhar, apresentar mais actividades que trouxessem cá os pais. E não podemos estar sempre a dizer que os pais não querem vir porque há aqueles que querem, não é? Então, vamos fazer para os que querem vir. No ano passado, fizeram várias actividades: falaram sobre a adolescência, sobre a nutrição... E vêm sempre alguns pais, inclusive colocaram alguns alunos a receber os pais. É uma boa forma de juntar pais e filhos numa actividade em conjunto. Se calhar a escola deveria ter também esse papel, de motivar os pais, e não estar sempre a culpar os pais por não aparecerem, porque há aqueles que aparecem e se calhar gostavam de ser mais vezes convidados a aparecer. E não só para falar de problemas da escola, mas também de assuntos de interesse...

**H:** Da sociedade.

**B:** Exacto, e dos jovens que cá andam.

**Inv:** E se tivessem tempo, estariam disponíveis para dinamizar aqui na escola projectos, voluntariado, qualquer situação?

**B:** Eu acho que sim...

**G:** De quem tem a experiência de estar há anos disponível para as acções de escola, é preciso gostar! É como ir jogar a bola.

**F:** E sentir necessidade disso.

**G:** Se me perguntar a mim...eu aos olhos de muitos colegas, sou visto como um “nabo”. “Andas há muito tempo a perder lá tempo, não andas a fazer nada. Se eu somar as horas desde a pré-escola até ao 8º ano, reuni-me, disponibilizei-me, cortámos árvores, fizemos rampas de acesso para deficientes... Se somarmos isso tudo... Agora, o que é que me interessa o que é que o António e o Joaquim pensam? Interessa-me é aquilo que eu penso e aquilo que eu sinto. E isto faz-me sentir bem. Se os outros não estão bem assim, eu estou. Claro que já tive momentos em que perdi imenso tempo e com colegas que estão aqui presentes, vou mas é deixar, as pessoas chateiam-se porque está frio, porque está calor, porque à lareira é que se está melhor. Reunir às dez horas, quando estão 19 graus dentro de casa e cá fora 2 ou 3, está muito mais agradável no sofá. Agora, eu também tiro proveitos disso: sei o que é que se passa, sei como é que se faz, sei o que é que se está a passar na escola, o que é que não se passou. Alguns que aqui estão conheci-os nas associações, hoje considero-os como amigos, e acho que eles também me consideram amigo. Ou seja, há coisas positivas, é preciso é ver as coisas desta forma. Eu gosto de ter tempo para a escola, ter disponibilidade e gosto de acompanhar o meu filho. Não é só o meu filho, é a amizade que eu tenho com estas pessoas. Pode acabar a escola para o meu filho, mas as amizades vão continuar.

**Inv:** Mas a minha questão era no sentido de colaboração. “Se eu tiver tempo, gostaria de dinamizar um projecto aqui na escola.”

**F:** E dinamizamos!

**Inv:** Vocês são da associação de pais, e através da associação de pais dinamizam acções. Mas os que não são, se tivessem tempo e disponibilidade, que tipo de trabalho é que gostariam de desenvolver aqui na escola. Ou não gostariam de desenvolver trabalho nenhum?

**F:** Se tiver disponibilidade já fica o convite feito para vir para a associação de pais.  
(*risos*)

**Inv:** Podem fazê-lo a título individual... Por exemplo “eu gosto muito de teatro e gostava de fazer aqui um clube. Não há ninguém que gostasse?”

**A:** Eu gosto muito de cozinha mas não me deixam ir trabalhar lá...

**I:** Eu. No meu caso particular, estou ligado ao desporto já há muitos anos e a situação é esta. O tempo é pouco, sempre ocupadíssimo até às 10, 11 horas da noite, estar aqui já foi um bocado (...) Eu gostaria, logicamente, se tivesse muito tempo e de vez em quando junto-me com o meu filho mais velho e fazemos brincadeiras nos tempos de férias, torneios de futsal, isto e aquilo, com mais jovens chegamos a ter equipa de 12, 13, 14 anos para acompanhar os miúdos, mas o tempo escasseia para isso tudo... Isso é que é a realidade. Eu chego a casa do trabalho às seis ou sete da noite, tenho que pegar no saco, chegar para jantar as 10 ou 11 da noite, buscar um, levar outro e assim sucessivamente e é muito complicado. Agora, tudo o que fosse ligado ao desporto, que é a minha vida, gostava muito de estar ligado e colaborar. E colaboro, por isso é que tenho 250 miúdos sobre a minha alçada.

**Inv:** Para terminar, depois de termos debatido, de termos uma conversa franca, aberta e que considero muito interessante, gostaria de saber o que é que vocês acham que a escola poderia fazer para melhorar. O que é que a escola poderia fazer para que vocês sentissem que a escola ficava melhor? O que é que gostariam de mudar na escola? Que tipo de atitude precisava a escola de ter? E agora já não o que podem fazer, mas a escola, na vossa perspectiva, o que é que a escola poderá fazer para melhorar esta relação?

**G:** Não é fácil...

**A:** Eu acho que deve ser na área da informática. Uma das barreiras que eu encontro é deixar de ter contactos pessoais, e acho que a escola está a deixar de ter esse tipo de tratamento, a nível de colegas, mas também com os pais e as crianças. Acho que estamos a ir no arco do egoísmo (que é para lá que a nossa sociedade caminha): cada um vive para o seu umbigo e acho que os nossos filhos estão também a ser educados nesse sentido. A escola tem um rosto, tem direcção, funcionários, professores e acho

que todos devíamos tratar toda a gente com respeito, com dignidade e mostrar a cara, estar perto e presente. Não é uma escola que manda mails e formações por via informática. Temos que estar atentos, parece que temos de estar sempre com o computador ligado à nossa frente. Não, não é esse o meu ideal de escola. Acho que é um aspecto que falha.

**H:** Deve olhar mais ao lado humano, é essencial. Engloba tudo o que possamos dizer.

**I:** Há que ressaltar que estamos aqui há tantas horas que até perdi a noção do tempo (*risos*) ...

**Inv:** Ainda bem!

**I:** Penso que afinal não fui perder tempo, fui ganhar tempo, ensinar mais algumas coisas. Eu não dou o tempo por perdido, outros darão, a olhar para o relógio a pensar “o meu tempo aqui já está perdido, agora é esperar mais uma hora ou menos uma hora. Não dei o meu tempo por perdido, se fizerem outra acção de formação lá estarei para dar o meu apoio. Só se vai tomando conhecimento com o passar dos anos... (discurso *muito confuso*).

**F:** Desculpe, tenho uma opinião relativamente a isso que é a seguinte: se calhar devia-se apadrinhar os filhos, ou seja, só poderia ser responsável pelos filhos o encarregado de educação competente para tal. Temos esse exemplo na parte religiosa, na Igreja, em que um padrinho é escolhido para se fazer um baptizado. Um pai fez um filho, mas não se pode escolher um pai, pode-se escolher um padrinho mas um pai não se pode escolher e se calhar na escola... ou seja, desmotivar um bocado um pai, ou seja, dizer-lhe, tu não cumpres, não tens os requisitos necessários para seres encarregado de educação do teu filho. Tu para poderes estar activo, para poderes colaborar e estar interessado tens que cumprir determinados requisitos. Vamos supor que o meu filho vai agora para o quinto ano, entrou agora para a escola. E eu chego à escola e sou confrontado com determinadas imposições por parte da escola, em que eu tenho que ter determinado tempo para prestar ao meu filho, tenho que ter forçosamente umas horas para dedicar ao meu filho, umas horas para dedicar ao director de turma para haver diálogo e tenho até que ter tempo para diálogo com

pais de outros alunos, alguns com princípios necessários, isto por causa de motivar a relação dos pais com a escola. Essa foi uma ideia que eu tive, talvez seja...

**Inv:** Essa seria a situação dos pais, eu perguntava a escola, o que é que a escola pode fazer, porque a nós também nos interessa o que é que se pode fazer para melhorar.

**B:** Pois, por exemplo, há bocadinho alguém disse (acho que foi o senhor) que não deu por perdido o tempo que esteve aqui. Acho que todos, de uma maneira geral, estamos agradados por termos esta conversa e abordarmos estes temas. Acho que se a escola fomentasse mais este género de actividades era uma abertura que se fazia à comunidade...

**G:** Mas para isso tem que haver participação, e como é que podem exigir essa participação dos pais?

**B:** Mas eu acho que isso é um pressuposto errado. Partir do princípio que não se vai fazer porque (os pais) não aparecem, então não se faz nada. Temos que fazer para os que aparecem. E se calhar aparecem uns agora e mais tarde para outras actividades aparecem mais. Se não se fizer é que não aparece, não é?

**Inv:** Como é que a escola poderia dinamizar mais grupos de trabalho, mais grupos de conversa, talvez mais pequenos, se calhar, do que grandes assembleias?

**B:** Se calhar mais pequenos, exacto.

**G:** Eu acho que – e para finalizar – a escola deveria promover/vocacionar-se para o humanismo. A relação é esta: escola, aluno e pai e unirem-se mais. Basta ver uma coisa: fazer um bocadinho o que a nossa sociedade está a fazer, ao contrário. É fácil. Se nós virmos no trabalho, as nossas leis do trabalho são contra a promoção da lei familiar. Cada vez mais as pessoas têm que trabalhar por turnos, podem trabalhar 30 horas numa semana e 60 na outra... Na minha opinião, nós estamos a fazer tudo ao contrário no que diz respeito à sociedade. A escola tem uma direcção que pode promover algum tipo de acção (e para isso certos professores terão que se sacrificar um bocadinho mais (mas estão a trabalhar para o futuro deles, porque podíamos estar aqui a falar até à meia-noite. Quanto mais nós preparamos as coisas hoje, melhor as vamos ter amanhã. Pelo menos o meu pai ensinou-me assim e parece que está a dar

resultados. E vai ser sempre assim. Agora, o que é que a escola tem que fazer? A escola já existe há muitos anos: realmente se juntarmos aqui as pessoas, se fizermos aquilo que esta senhora falou, havia alguma adesão. Quando se fez aqui a formação aos pais, havia aqui alguma adesão. É fazer mais. Se houve alguma adesão, é fazer mais. Agora há aqui uma interrogação: quem é que se sacrifica para isso? Pode fazê-lo? Está a fazê-lo com gosto? Tem custos? Temos que ver essa parte. E decerto que os professores, que estão num ponto hoje em que nem todos estão receptivos. Está a gravar? (*risos*) Estamos num patamar em que hoje uma grande parte dos professores está virada de costas para a direcção do ensino, como o Ministério da Educação. E como é que os professores têm motivação para isso? A direcção da escola tem ferramentas para isso? É que nós andamos todos ao contrário, e claro, é difícil, tem que se dar um rumo. O presidente da escola diz “meus senhores, vamos fazer isso. Há disponibilidade? Há horários para englobar isso? Há horários extra-laborais para chamar os pais?” Eu acho que há oradores, pais, especialistas na sociedade, que até gostariam de dar o seu contributo. “Sim senhor, eu vou lá, gratuitamente, falar sobre informática. Porque não? Agora, tem que haver alguém a organizar isso. Eu tenho a certeza que se isso for feito, há receptividade. E se houver 100, estamos a contribuir para amanhã ser melhor, para ser 200. Porque se eu ficar contente, vou dizer ao meu colega “fui a isto na escola, nem tinha a noção que aquilo era assim. Ouvi gratuitamente, tomei um café e ainda comi uma fatia de bolo!” (*risos*) Só assim é que se consegue alguma coisa! Por isso, acho que assim a escola tem uma ferramenta. Agora, é preciso ver se tem os trabalhadores...

**Inv:** Querem dizer mais alguma coisa? Não? Então eu encerrava a sessão e queria agradecer a vossa presença e a vossa colaboração, que foi espantosa e gostei muito de vos ouvir e com certeza que isto vai dar pano para mangas e que vai dar muito trabalho, mas no final darei conta das minhas conclusões. Muito obrigada.

